

# humanitas



**Vol. XLIII-XLIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS  
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL  
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

## ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

ANDRÉ DE RESENDE E OS PORTUGUESES SEGUNDO  
BARTOLOMEU DE ALBORNOZ

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Quem convive com os poetas e prosadores portugueses do século XVI, que escreveram quer em vernáculo quer em latim, facilmente se apercebe de que as relações entre Portugueses e Castelhanos não eram pacíficas, apesar do intenso intercâmbio cultural e das estreitas ligações entre as duas casas reinantes. Esta situação, que tinha antecedentes antigos e marcos históricos definidos, surge reflectida entre nós, por exemplo, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, nas comédias e farsas de Gil Vicente, em Jorge Ferreira de Vasconcelos e em tantos outros, que em tom sério ou jocoso davam voz ao ancestral sentir português<sup>(1)</sup>.

Tal situação agrava-se, contudo, na segunda metade do século, quando alguns portugueses mais atentos se deram conta do estado periclitante em que se encontrava o reino, cuja continuidade dependia da saúde frágil de um jovem rei que se dedicava preferentemente à caça e sonhava glórias africanas. Receava-se já então o que veio depois a acontecer: que a coroa passasse às mãos dos Castelhanos – a "desventura de Portugal", no dizer de Pero Roiz<sup>(2)</sup>.

Nestas circunstâncias, não é difícil compreender que se reacendessem velhas polémicas, e que se desenterrassem antigas questões históricas para as reavaliar à luz de novos critérios, que se pretendiam científicos mas eram sempre apaixonadamente nacionalistas .

Assim aconteceu com André de Resende. Desde sempre revelara gostos de

---

(1) Sobre este assunto vd. Virgínia Soares Pereira, "Os Castelhanos segundo André de Resende", *Diacrítica* 1 (1986) 147-166.

(2) Pero Roiz Soares di-lo no seu *Memorial*, como recorda J. Veríssimo Serrão em *A História portuguesa*, I, Lisboa, Verbo, 1972, p. 356.

antiquário, mas agora, nos últimos anos da sua vida, canalizava-os num sentido determinado, apostado em extrair deles os méritos e as excelências de Portugal – da Lusitânia, como gostava de dizer – face à vizinha Castela. Para tal ia buscar argumentos às mais diversas fontes, arqueológicas, históricas, literárias, religiosas e mesmo lendárias, a fim de com eles aniquilar definitivamente o rival – porque de rivalidade se tratava. Foi o que fez, concretamente, numa carta que em 1567 escreveu, de Évora, a Bartolomeu de Quevedo, um sacerdote da igreja de Toledo. Nesta carta – que considerava importante para Portugal e publicou nesse mesmo ano<sup>(3)</sup> – Resende respondia a dúvidas formuladas por Quevedo, que tencionava escrever uma obra sobre os santos da Hispânia e pretendia conhecer a opinião de Resende sobre alguns pontos controversos. Não se conhece a carta de Quevedo, mas é de supor, pela resposta apaixonada de Resende, que Quevedo seguia as teses dos seus compatriotas e sonegava alguns santos ao património português. Daí que Resende, na resposta, aproveite o ensejo para dirigir um violento libelo contra os Castelhanos, acusando-os de desenfreada megalomania, de orgulhoso desdém e, paradoxalmente, de uma encoberta apetência por este cantinho da terra, tão pequeno...

Bartolomeu de Quevedo morreu dois anos depois (em 1569), sem ter respondido à carta e ao libelo acusatório de Resende. Sabe-se, no entanto, que lhe teria desagradado o tom violento dela e o facto de as suas palavras terem sido deliberadamente distorcidas por André de Resende. Esta informação é-nos dada por um outro espanhol, Bartolomeu de Albornoz, numa carta que dirigiu a Resende<sup>(4)</sup> e na qual quis

---

(3) De facto, na carta-dedicatória a D. Sebastião, chama a atenção para essa importância, pois que aborda questões com interesse para o reino. Vd. André de Resende, *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas de Virgínia Soares Pereira. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1988, pp. 41-43. Numa carta que dirigiu a Resende, e de que falaremos a seguir, o castelhano Bartolomeu de Albornoz censura Resende por ter dado "publicidade" (publicando-a) a uma carta que deveria ser uma resposta privada a uma carta (a de Quevedo) do mesmo teor. Mas esquecia-se de que a correspondência dos humanistas não era inocente nem asséptica; pelo contrário, procurava ser actuante, e só publicitada (mesmo que fosse num reduzido círculo de amigos) o conseguiria. Sobre este aspecto vd. Hélène Harth, "L'epistolographie humaniste entre professionalisme et souci littéraire: l'exemple de Poggio Bracciolini", in *La Correspondence d'Erasmus et l'epistolographie humaniste*, Bruxelles, 1985, p. 136 ss.

(4) A carta ficou manuscrita. Vd. B. N. de Madrid, MS. 5556, fol. 7 r e v: "estas son las palabras / de V. M. y como yo tan fielmente las pongo gustara mucho que pusiera Vm. las de la carta que le escriuieron porque entre otras cosas que el señor licenciado Quevedo antes que muriesse se me quejo por su carta fue que V. m. le retorcia las palabras de la suya y que se las falcaua (sic) dandole por respuesta lo mismo que el decia y otras vezes dissimulando lo que el preguntaua y por no se auer quedado original de la carta que embio no me lo podria demostrar y cierto si Vm. /.../". Vd. también fol. 53 r: "porque solo este capitulo muestra ser verdad lo



desagravar a afronta feita por Resende – na referida carta a Quevedo – à nação castelhana, aos seus santos e ao próprio Quevedo. Como se verá, às queixas e ironia de Resende responde Albornoz com desusada virulência, e toda a espécie de argumentos lhe serve para alcançar o seu objectivo único: denegrir os Portugueses em geral e Resende em particular.

Esta carta ficou inédita. Encontra-se em dois manuscritos da Biblioteca Nacional de Madrid (MSS. 5556 e 6947). Por estar incompleta, falta-lhe a datação final, mas da sua análise interna conclui-se que foi escrita em 1571 ou pouco depois<sup>(5)</sup>. Não sabemos se André de Resende chegou a recebê-la, mas o seu tom

que el señor licenciado quebedo me escrivio que V. md. ni entendió su carta ni della alega cosa con verdad."

A mesma carta figura também no MS. 6947 da referida Biblioteca, ff. 284 r - 334r. As citações são extraídas do MS. 5556, ff. 1r - 54v. Respeitou-se a grafia, que não é homogénea, mas separaram-se ou aglutinaram-se palavras segundo o critério moderno, para facilitar a leitura e porque também não revelam um comportamento homogéneo. Desfizeram-se as abreviaturas, deixando apenas V.md. e variantes desta, por constituírem uma fórmula de tratamento.

- (5) Não restam dúvidas de que a carta foi escrita ainda em vida de Resende, pois nela há frases que pressupõem um André de Resende vivo e em condições de responder a Albornoz, como, por exemplo: "suplico a V.M. que se ynforme de lo que pregunto y me lo escriua" (fol. 9v). Por outro lado, escreve depois da morte de Bartolomeu de Quevedo, em 31 de Agosto de 1569 (vd. nota anterior). Mas há outras referências que nos permitem avançar até 1571, se não mais. No fol. 23r Albornoz refere o ano de 1570, o ano da rebelião de Granada, mas o modo como o faz sugere que se está já noutro ano. Uma outra achega para a datação da carta poderão ser as palavras de Albornoz sobre Juan de Mal Lara (fol. 12v): ao falar de vários autores que a Talavera deram o nome de Elbora, diz: "y la llama Juan de Malara docto umanista de Seuilla y maestro enella de letras latinas y griegas en unos versos que lamenta ciertas calenturas que en ella le dieron". Ora, segundo Cristóbal Cuevas, em J. M<sup>o</sup> Diez Borque, *Historia de la literatura española*, II, p. 273, Juan de Mal Lara viveu de 1524 a 1571, e as palavras de Albornoz sugerem que ele estava ainda vivo. Para a data de 1571 apontam também as palavras de Albornoz sobre uma questão linhagística. Respondendo a Resende (que afirmara que a família dos Cogominhos descende dos santos Vicente, Sabina e Cristeta), Albornoz comenta: "mas sobretudo me admira pensar V.m. de dar en la casa y linage de S. Vicente linage que dure desde tiempo de Diocleciano hasta aora, cierto es grande noticia de antigüedad porque los que la emos buscado no la hallamos en otra cassa sino en la real de castilla, mas no tam antigua como Vm. pinta a aquesta cassa de los cogomiñes" (fol. 18v). Albornoz não é muito explícito, mas é possível que se refira à tentativa, feita por Álvaro Gomez em 1571, quando procurava convencer Filipe II a patrocinar uma nova edição da obra de S. Isidoro, de provar que a linhagem do rei entroncava no referido santo. Sobre este assunto vd.: M. Díaz y Díaz na "Introducción general" à obra San Isidoro de Sevilla, *Etimologias*, Madrid, B.A.C., 1982, pág. 227, e Antonio Alvar Esquerra, "Alvar Gomes de Castro y la historiografía latina del siglo XVI: La vida de Cisneros", in *El Erasmismo en España*, Santander, 1986, pág. 251. Segundo este autor, a obra ficou inédita e encontra-se na Biblioteca do Escorial, cota b-III-1, ff. 173-197v, com o seguinte título: *La genealogia de Sancti Isidoro, con la declaracion del grado de consanguinidad que con los Reyes de España tiene, y principalmente con Magestad del Rey Don Phelippe segundo nuestro Señor*. Em suma: uma série de referências indirectas indiciam a data de 1571 para a carta de Albornoz

desabrido e demolidor pode ter sido a causa do manto de silêncio que a envolveu até hoje. Sem pretender reabilitar velhos fantasmas e ressentimentos, passemos à análise desta carta inédita de Bartolomeu de Albornoz e dos seus antecedentes.

## 1. O POMO DA DISCÓRDIA

Como se disse, foi André de Resende quem, com a sua *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, tornada pública, reacendeu velhas querelas e provocou a ira de Albornoz. Vejamos, a traços largos, o seu conteúdo. Trata-se de uma extensa carta (cinquenta e nove páginas), escrita em latim, na qual, entre muitas outras questões de menor peso, são desenvolvidamente discutidos os seguintes assuntos:

- o paradeiro das relíquias de S. Vicente de Saragoça (segundo a versão tradicional portuguesa, de que Resende comunga, as relíquias estão em Lisboa; segundo os Espanhóis, que apoiam a versão francesa, elas estão numa povoação da Aquitânia);
- a naturalidade dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, irmãos martirizados no tempo de Daciano (para os Portugueses, são eborenses, da Évora portuguesa; para os Espanhóis, são naturais de Talavera, que outrora se teria chamado *Elbora*, à semelhança do que aconteceu com Évora);
- a existência de um Santo Eugénio, no séc. I d.C., que teria sido o primeiro bispo de Toledo (opinião dos Espanhóis, de que Resende discorda) e, associado a este problema, um outro: o de saber se a dignidade de primaz das Espanhas pertenceu primeiro a Braga ou a Toledo<sup>(6)</sup>.

Como se vê, todas estas questões se prendiam com o património religioso português, e Resende não estava, naturalmente, disposto a abdicar das pretensões nacionais. Por isso, afia a pena e desmonta um a um os argumentos da parte contrária, para provar que as pretensões portuguesas são justificadas e que, ao negarem tais pretensões, os Castelhanos mais não fazem do que dar largas ao seu ego megaló-

---

a Resende. E tal hipótese talvez possa vir a ser confirmada com a referência do fol. 29r à fundação do mosteiro da Ordem de S. Agostinho em Talavera, que data "seys años a esta parte".

(6) Para um conhecimento mais pormenorizado da carta vd. André de Resende, *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, *op. cit.*, na nota 3.

mano, apoderando-se ilegitimamente do que lhes não pertence. E dá exemplos concretos dessa visceral mania castelhana, como sejam: consideram S. Dâmaso e Viriato espanhóis, quando se sabe que são portugueses; nunca esclarecem a nacionalidade do rei Vamba, porque foi português; quase ignoram a participação portuguesa na batalha do Salado; desvalorizam a intervenção dos Portugueses na expedição a Tunes, organizada por Carlos V; evitam dizer que Santo António foi português; etc, etc... Em suma: segundo Resende, os Espanhóis diminuíam sistematicamente o valor dos Portugueses para aumentarem o seu. Mas os Espanhóis também tinham as suas queixas, de que Quevedo se faz eco. Consideravam eles que, ao utilizarem a designação de Lusitânia para o seu reino, os Portugueses se engrandeciam, já que uma parte da antiga Lusitânia fazia agora parte do reino espanhol. Resende responde: o título de "reino da Lusitânia" é tão legítimo como o título de "reino da(s) Hispânia(s)" que se arrogam os Espanhóis.

E no entanto, concluía Resende, *Hispani omnes sumus*, "todos nós somos hispanos"... Referia-se, como é evidente, à designação clássica e genericamente dada a quantos habitavam a Península, mas as suas palavras, que se revelaram de uma ironia amarga, disseram talvez mais do que o próprio Resende teria querido dizer, ele que tanto se empenhara em provar a antiguidade e a independência da *Lusitania* face ao resto da Península<sup>(7)</sup>.

Este é, em traços muito gerais, o conteúdo da carta de Resende a Quevedo. Vejamos agora como Albornoz reagiu e contra-atacou, na carta que escreveu a (ou contra) Resende.

A carta é demasiado extensa (consta de 54 fólios apesar de incompleta) para ser aqui analisada em pormenor. Digamos, genericamente, que nela Albornoz responde taco a taco às afirmações e às insinuações de Resende, invalidando os seus argumentos, que considera falaciosos, e pondo em relevo os erros de que o Eborense recheou o seu texto. Albornoz era jurista: estava pois preparado para esgrimir argumentos, assinalar contradições, detectar falácias. Poderia ter respondido serenamente, civilizadamente, cientificamente, a uma carta de cujo conteúdo e teor discordava por completo. Mas a sua qualidade de castelhano sobrepos-se a tudo o mais e semeou a carta de injúrias e vitupérios lançados contra Resende e os Portugueses. Os epítetos insultuosos são constantes e variados, mas um é especialmente significativo: quando Albornoz quer condensar num só todos os insultos, não lhe vem à mente mais nenhum

---

(7) Vd. *op.cit.*, pp. 130-139 (texto e tradução) e 43-48 (comentário).

que não seja... "português". Expliquemo-nos: na sua carta, Resende referira-se a Lucas de Tui, Florião dOcampo e outros espanhóis usando epítetos depreciativos como *nebulones*, patetas e ignorantes. Albornoz pensa então no epíteto que melhor quadraria a Resende, e passa a tratá-lo por "Señor portugués", dando assim o tom a uma carta na qual o povo português é qualificado de bárbaro, ignorante, orgulhoso, judeu e outras coisas mais, e Resende é erigido a protótipo do produto nacional, e considerado um ídolo amplamente incensado mas com pés de barro...

Quem é este Bartolomeu de Albornoz que tão acintosamente afronta André de Resende? Os dados de que dispomos são escassos. Segundo Nicolau Antonio, nasceu em Talavera, foi professor de Direito na recém-fundada Universidade do México (1551) e era dotado de um talento e memória inexcedíveis. Em 1573 foi publicada em Valência a sua *Arte de los Contratos*, dedicada a D. Diego de Covarrubias, que fora seu mestre. Apesar de se tratar de uma obra de natureza jurídica, chegou a ser proibida pela Inquisição, devido à incontinência sarcástica de alguns dos seus passos<sup>(8)</sup>. Entre as obras manuscritas que deixou, referidas por Nicolau Antonio, não figura a carta a Resende, de que aqui tratamos<sup>(9)</sup>. Mas esta fornece-nos outros dados, como sejam: estudou em Alcalá, onde foi discípulo de Gaspar de Castro; foi neto de Gil Gomez de Albornoz e sobrinho de Aurelio de Albornoz, e pensava escrever uma *Cosmografía de Espanha*<sup>(10)</sup>.

Encontrou-se uma ou mais vezes com Resende, e este admirava-o, como pode ver-se por uma carta não datada, mas provavelmente de 1566, que escreveu a Albornoz. Talvez por isso, e para justificar o tom indelicado da sua carta, Albornoz

---

(8) V. Nicolau Antonio, *Bibliotheca Hispana Noua*, t. I, Madrid, 1783, p. 194.

(9) A carta, como já foi dito, figura nos MSS. 5556 e 6947 da Biblioteca Nacional de Madrid, e tem o seguinte título: *Carta del Doctor Frias de Albornoz, natural de Talavera contra el Mro Andrés Resende, Portugués, natural de Eborá, y contra la carta que el dicho Maestro Resende imprimió, y embió al Licenciado Bartholomé de Quevedo, Racionero de Toledo*.

(10) São os seguintes os passos que fornecem estes dados: "como lo mismo acaecio en Alcalá de henares que siendo yo enella estudiante era tenido por pestilente y inhabitable los veranos" (fol. 21r; Albornoz refere-se ao clima doentio de Alcalá no verão); sobre Gaspar de Castro, de quem fala com admiração, diz: "mi maestro que aya gloria hombre doctissimo excelente antiquario" (fol. 40v); sobre o tio e o avô: "el doctor Aurelio de Albornoz mi tio y maestro" (fol. 9v); "asi la llaman los dos hermanos Albornoces mi padre y tio y entrambos mis maestros de los mas doctos hombres de uropa" (fol. 12v; Albornoz refere-se ao nome Elbora, dado a Talavera por muita gente culta, como seu pai e seu tio); "a mi visaguero Gil gomez de albornoz" (fol.20r); relativamente à *Cosmografía* que tencionava escrever: "Talavera la vieja /.../ de la qual en mi cosmographia de España tratare mas largo" (fol.10v).

comece por estabelecer uma distinção, baseada em exemplos clássicos, entre amizade e dever patriótico<sup>(11)</sup>.

Compreende-se esta precaução: nas palavras expressivas de Albornoz, a carta tinha dois objectivos bem explícitos: "pagar a mi patria du deudo y a V.M. su merecido" (fol. 2v). Por outras palavras: vingar a sua terra injuriada e castigar a ousadia de Resende. Para o fazer, esclarece, recorrerá à sua tríplice qualidade de: natural de Talavera, castelhano e cristão. E assim acontece. Como natural de Talavera, defende a posição daqueles que vêm em *Elbora* um nome antigo de Talavera, e afirma a naturalidade castelhana dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, que Resende e os Portugueses indevidamente reclamam como seus. Insere, além disso, uma longa descrição

(11) A carta que Resende escreveu a Albornoz, bastante elogiosa, chegou até nós porque foi incluída por Diogo Mendes de Vasconcelos na sua edição do *De Antiquitatibus Lusitaniae*, publicada em Évora em 1593, donde transitou para edições posteriores da mesma obra. Como lhe falta a datação final, não se sabe quando foi escrita. F. Leitão Ferreira, nas *Notícias da vida de André de Resende*, publicadas e anotadas por Braancamp Freire nos volumes VII a IX do *Arquivo Histórico Português*, diz, relativamente a esta carta, que foi escrita nos idos de Maio de 1556, "segundo a menção que João Franco Barreto della faz na *Bibliotheca Lusitana m.s.*" (*op.cit.*, vol. VIII, p. 353). Diga-se, no entanto, que esta afirmação não corresponde à verdade, pois que tal data é referida por Franco Barreto a uma outra carta, hoje desconhecida, de Resende. São estas as palavras de Franco Barreto: "Outra /sc. carta/ ao Doutor Frago (sic, por Fragoso) da Cidade de Badajoz escripta em Evora Idib. Maij. 1556. Outra a Bartholomeu Frias Albornoçio jurisperito impressa." (*MS. cit.*, vol. I, p. 194). Franco Barreto conhecia, portanto, a versão impressa da carta, e esta não está datada. Mais tarde, Carolina Michaelis datou a carta de 1565, baseada no facto de nela Resende atribuir a Públia Hortência de Castro a idade de dezassete anos (vd. *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, pp. 111-113 e nota 18).

Nessa carta Resende lamenta o zelo excessivo e a tacanhez de espírito do então vice-governador da cidade de Évora, que impediu a entrada de Albornoz na cidade por se suspeitar que vinha de Sevilha, onde então grassava a peste. E recorda vagamente o dia que passaram juntos na sua casa de campo, em agradável, mas a bem dizer secreta, cavaqueira. Das suas palavras é possível, talvez, concluir que esse encontro se deu antes de Albornoz pretender entrar na cidade. Seja como for, é provavelmente a esta vinda de má memória a Portugal que Albornoz alude quando, na carta de que tratamos, escreve: "quando fuy que no debiera a Portugal" (fol.11r). E, se não se encontraram nesta altura (c. 1565), fizeram-no noutra ocasião, como se comprova com outros passos da referida carta. Diz Albornoz: "Aclarandome mas, digo que lo que V.md. pretende en este passo es dar a entender lo mismo que commigo trato de palabra, que nunca en españa ubo silla que tubiese Primaçia sobre todas las demas" (fol. 47v). Num outro passo: "esto es enquanto a los Auctores Antiguos que como otra vez he dicho a V.md. le son communes conmigo y no son mas propios mios que de todos los estudiosos" (fol. 34r).

Um ou mais encontros teriam suscitado uma admiração mútua, portanto. Só assim se compreende a razão pela qual Albornoz, logo no início da carta, justificou o tom agressivo dela e fez protestos de amizade: "a todos y a V.M. primero pido perdon de la ofensa si alguna por esta scriptura rescibiere, pues la deuda que a mi Rey patria e nacion todos deuenos naturalmente y yo deuo me hizo tomar la pluma, y fuera desto la obligacion particular que e dicho [sc. a amizade] queda en mi tanto i mas fuerte que nunca estuvo para todo lo que de mi se quisiere servir" (fol. 2r).

(e elogio) de Talavera (ff. 21v-32v). Na qualidade de Castelhana, devolve a Resende a acusação de megalomania e brinda os Portugueses com epítetos pouco abonatórios. Como cristão, diz mal dos criptojudeus e distancia-se dos "gramáticos" de pouca fé...

A longa carta de Albornoz é isto e muito mais. Os argumentos e os contra-argumentos sucedem-se, aos excursos somam-se outros excursos, às citações outras citações, mas o argumento mais demolidor acaba por ser a sua persistente veia sarcástica. Esta veia sarcástica, que adopta mil formas, organiza-se contudo em duas frentes: contra Resende e os "gramáticos"; contra Resende e os Portugueses. Compreende-se: quem escreve é jurista e é castelhano. É nesta dupla faceta que a carta de Albornoz será agora analisada.

## 2. ALBORNOZ CONTRA RESENDE E OS "GRAMÁTICOS"

Albornoz dá ao termo "gramático" (*grammaticus*), que designava então os humanistas, um sentido profundamente pejorativo. Considerava os gramáticos de profissão gente da pior espécie: ignorantes e sobranceiros, diziam mal de tudo e de todos, eram grandes "correctores" de livros porque os não entendiam, atreviam-se a invadir todas as áreas do saber só porque sabiam latim, eram a própria encarnação da arrogância. Além disso, sugeria Albornoz, eram gente pouco apegada à fé cristã<sup>(12)</sup>.

Estes e outros ataques faziam parte de um longo rol de acusações geralmente endereçadas aos gramáticos por quem não gostava de ver o seu saber sujeito à lupa crítica (por vezes hipercrítica e deformadora) do labor filológico. Neste ponto, Albornoz não estava isolado e seguia a corrente do seu tempo. Albornoz era jurista, e a polémica entre gramáticos e juristas, que tivera em Valla o seu detonador (ao criticar o latim e a ciência de Bártolo), irrompeu um pouco por toda a parte, no século XVI. Os gramáticos (humanistas) consideravam a *grammatica* a pedra angular e o fundamento de qualquer ciência, a *ianua scientiarum*, como gostavam de chamar-lhe; os

---

(12) Note-se que Albornoz não desconhece o termo *humanista*, mas reserva-o para figuras por quem tem particular apreço, acompanhado por vezes, do epíteto "docto". Veja-se, por exemplo, o passo em que refere vários homens de letras que deram a Talavera o nome de Elbora: "asi la llamo el maestro herrera y su hijo que fueron en España los mayores umanistas della, asi la llaman los dos hermanos Albornoces mi padre y mi tio y entrambos mis maestros delos mas doctos hombres de uropa, asi la llamo Gutierre Gomez de toledo, natural della y grande umanista en los versos que hizo de su studio, y la llama Juan de Malara docto umanista de Seuilla /.../ (fol. 12v).

juristas entendiam que eram mais úteis à estabilidade e progresso dos povos e a prova disso é que a sociedade lhes pagava bem melhor...<sup>(13)</sup> Apesar disso, Nebrija, o debelador da barbárie, tinha, como Aires Barbosa e outros, orgulho na sua profissão de *grammaticus*, e considerava o gramático como o médico da ignorância, ao qual todos os doentes, fossem teólogos, juristas, príncipes ou reis, deviam obedecer. Tal soberba científica desagradou a muitos e era frequente ouvir, aplicada aos mestres de gramática, as palavras que Apeles dirigiu ao sapateiro: não fosse além da chinela...

Como é sabido, Resende prezava a sua profissão, e mais do que uma vez chamou a atenção para o despreço e a desestima com que era encarada. Desconhece-se se recebeu a carta (escrita talvez em 1571 ou depois), mas, se a recebeu, não há-de ter gostado do que leu, ele que tinha dedicado a sua vida a uma profissão tão injustamente vilipendiada por Albornoz. De facto, este castelhano, que altivamente afirma detestar a gramática e se apresenta como "jurista barbaro", não poupa Resende.

Depois de fazer uma longa prelecção gramatical acerca da supressão sistemática, em português, da líquida lateral, e da sua manutenção (e mesmo acrescento) em castelhano, para provar que *Elbora* era um vocábulo castelhano, escreve:

"mas por vida del Sr. Maestro que le parece deste castellano que sin saber latin ni griego a V.M. que es el gran Idolo de Portugal no le pone incienso ni le sacrifica sino que quiere mostrarse del diestro en su lengua Portuguesa y dar a entender que V.M. ni sabe hablar ni aun entender la lengua en que nacio quanto mas las agenas en que muestra su ynorancia escarneciendo y mofando de los escriptores antiguos maestros de todos a quien deuemos lo que sabemos" (fol. 12v).

Resende é pois, na pena de Albornoz, "el gran Idolo de Portugal", a quem todos prestam culto. Mas como os ídolos têm normalmente pés de barro, não é de estranhar que, noutro passo tão contundente como este, Albornoz clarifique as suas impressões sobre a ciência filológica de Resende, ao dizer:

---

(13) Exemplo clássico, entre nós, desta luta entre juristas e humanistas têm-lo em Inácio de Moraes, que de professor de Poesia se transferiu para o campo do Direito e (ardor de neófito?) escreveu um *In quosdam Dialecticos & Grammaticos, pro Iure peritis*, um manifesto a favor do Direito e contra os gramáticos, onde só o *quosdam* suaviza (ou restringe) um pouco o alcance do ataque. Ao contrário de Aires Barbosa, que tentara dignificar o termo *grammaticus* mostrando a sua afinidade etimológica com *litteratus*, Inácio de Moraes aconselha o gramático - *bipedum miserabile uulgus* - a circunscrever-se ao seu terreno, a não meter a foice em seara alheia, como diz. Vd., sobre esta querela, Nuno Espinosa Gomes da Silva, *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1964, pp. 202-204 e 258-262. Recorde-se também que André de Resende se queixa, por mais de uma vez, de que na Corte pontificam os juristas, enquanto os professores de letras são marginalizados.



".../ que se mete en lo que ni sabe ni entiende y en lo que a otros reprehende comete errores intolerables especialmente en esto de la Cosmographia que sin razon V.Md. ha tenido encantada a España, y aun los de fuera della pensando que era el oraculo en lo que meno sabe mas que un buey /.../. Mas V.md. deme licencia que lo diga, siendo un simple grammatico ignorante y Portugues, porque lo hade hazer y meter la mano en corregir a otros en la sciencia de que no tiene principios, bien bastaua lo que le hemos tractado de Elbora de Munda y de Badajoz por que sepa ueia y entienda como ninguna cosa sabe de Cosmographia/.../." (fol. 36r).

Vinha esta invectiva a propósito de Resende ter censurado Valenzuela, teólogo e pregador andaluz, por este, num sermão que fez em Coimbra, se ter referido aos famosos campos de Munda, como se Coimbra e Munda fossem a mesma terra. Para quem pregava a "gente vã e portuguesa" (comentava Albornoz), o erro não era grave. Grave era escrever disparates no Breviário, como fizera Resende...<sup>(14)</sup>

Uma das críticas mais frequentes feita por Albornoz é a de que Resende, quando não tem argumentos sólidos, se socorre de piadas e formulações sofisticadas, coisas que ficam muito mal, mesmo a gramáticos...<sup>(15)</sup> Quer dizer: até do ponto de vista ético o título de gramático era desprestigiante.

A empárceirar com Resende, nesta profissão de má fama, surgem Nebrija e Juan Maldonado. Ambos tinham identificado *Elbora* com a Évora portuguesa, contra a opinião de outros espanhóis, como Albornoz, que em *Elbora* querem ver uma antiga designação de Talavera. Mas Albornoz retira crédito às palavras de um e outro, pois que, comenta ele:

".../ V.m. y ellos que es un sancto colegio trium viral de grammaticos construyeron mal la letra y corrigieron por herrado lo que no entendian /.../ (fol. 13v).

Resende estabelecera, na sua carta a Quevedo, uma comparação entre S. Boaventura e Plátina, concluindo que, na questão do paradeiro das relíquias de S. Vicente, se deve dar mais crédito a S. Boaventura, de uma seriedade incomparavelmente

(14) Acrescente-se, a título de curiosidade, que Albornoz entra numa casuística do erro muito especiosa e irónica quando compara o erro de Valenzuela (num sermão) e o de Resende (impresso com todas as letras) nestes termos: "Creame que neçedad en sermom que se pasa, mas neçedad de molde es bienes Rayzes, la neçedad en sermom es neçedad de palabra, mas neçedad en lecion de Breuiario es neçedad en canto llaño (sic) donde son letras pocas y gordas, al fin es neçedad firmada de su nombre de V.Md. A la maldicion neçedad cantada /.../" (ff. 35r-v). Uma forma original de glosar o tema *verba uolant, scripta manent*...

(15) Assim, depois de provar a antiguidade de Talavera (contra o parecer de Resende), Albornoz chamou a atenção para a forma pomenorizada como o fez e acrescenta: "y desta manera querria que V.M. provasse las cosas que quiere persuadir y no con risas ni sophesterias prosopeyas que aun entre grammaticos son cosas de verguenza" (fol. 4v).



superior à de Plátina, e que dizia que essas relíquias estavam em Lisboa. Albornoz não gostou desta confusão de planos: ser santo é uma coisa, ser douto é outra. Se a bitola da comparação fosse a santidade, a vitória pertenceria a S. Boaventura; mas em matéria de conhecimento histórico a palma terá de ir para Plátina – e, conseqüentemente, o corpo de S. Vicente está numa região da Aquitânia, como afirma Plátina. Albornoz conseguiu assim defender a sua posição, mas não sem antes ter desferido mais uma das suas farpas contra os gramáticos. Comenta ele:

"/.../ Platina fue de la escuela de Pomponio Leto que tenían para su consolacion unos poquitos de Dioses, celebravan el nacimiento de Romulo y por concluir en una palabra era de la profesion de V.m.d. grammaticos, y a esta causa Platina se arrebató ciertos tormentos del Papa Eugenio Paulo 2º por gentil /.../" (fol. 46r)<sup>(16)</sup>.

A acusação é agora mais insidiosa, porque sugere que os humanistas pagani-zavam, e prestavam mais culto ao passado greco-romano do que à religião cristã. Já noutra passagem Albornoz afirmara que, ao escrever esta carta, pretendia penitenciar-se da cegueira em que ele e muitos outros têm vivido – e Resende não estava isento desse erro – por se preocuparem em saber mais dos deuses pagãos e gentios do que dos seus santos, e, relativamente a estes, procurarem saber onde nasceram, em vez de saber como viveram e imitá-los<sup>(17)</sup>.

(16) Albornoz refere-se à chamada "Academia" romana dirigida por Pompónio Leto, em cuja casa se reunia um grupo de intelectuais que apaixonadamente se dedicaram ao estudo da antiguidade clássica, mas que, no tempo de Paulo II, foram acusados de heréticos e de crenças e práticas pagãs. Desse grupo fazia parte Plátina, ou seja, Bartolomeo Sacchi de Cremona. Além da acusação de paganismo, uns e outros foram acusados de conjura contra o papa (o referido Paulo II), pelo que foram perseguidos e alguns presos, como Plátina. Perdeu o seu cargo de abreviador pontifício, mas, no tempo de Sisto IV, é chamado a dirigir a biblioteca Vaticana. A este papa dedica uma das suas obras mais conhecidas, as *Vitae Pontificum*, que terminam justamente com uma violenta diatribe contra Paulo II. Acrescente-se que ainda hoje se discute da total veracidade das acusações lançadas contra estes humanistas. Sobre este assunto vejam-se, por exemplo: Vittore Branca (Dir.) *Dizionario critico della letteratura italiana*, Torino, 1974, s.u. *Platina*; Emilio Cecchi e Natalino Sapegno (Dir.), *Storia della Letteratura italiana: Il Quattrocento e l'Ariosto*, Garzanti Editore s.p.a., 1988 (Ristampa 1990), pp. 144-160 ("L'Academia romana, Pomponio Leto e la congiura").

(17) Albornoz começa por confessar que em tempos foi da opinião expressa por Vaseu no seu *Chronicon* sobre a naturalidade portuguesa dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, inspirada em Resende, mas que depois viu o erro em que estava, e acrescenta: "hasta que leyda la carta de V.m. entendi su engaño y enel que a todos con su autoridad nos auia puesto, y en penitencia de mi horror acorde de escreuir esta para que se sepa la verdad, lo qual refiero para confusió mia y de todos los que enesta ceguedad biuimos que si me preguntan de qualquiera de los Dioses antiguos de griegos romanos egipcios y otras naciones barbaras parlare mas que un papagayo y declarare su Theologia y ritus como se uviera sido sacristan de cada uno dellos, y en llegando a nuestros Sanctos gloriosos ya estoy mas torpe que si aora fuesse nuevamente convertido a la ley /.../" (20v-21r).

A questão do Ciceronianismo estava relacionada com esta, e Albornoz não deixa de lhe fazer referência, ainda que breve e indirectamente<sup>(18)</sup>.

Em suma: como observa Luis Gil no artigo "Grammaticos, humanistas, Domines", no século XVI, com a difusão do erasmismo e da doutrina de Lutero, "grammatico" era "um termo carregado de conotações pejorativas e, o que é pior, de perigosas associações"<sup>(19)</sup>. Com o avançar do século, aumentam as críticas à soberba e heterodoxia dos gramáticos<sup>(20)</sup>. Albornoz reflecte bem este ambiente.

### 3. ALBORNOZ CONTRA RESENDE E OS PORTUGUESES

Vimos já como, dando o tom a toda a carta, Albornoz se dirige por vezes a Resende epitetando-o de "Señor Portugués", por considerar que ele, bem como o povo a que pertence, é ignorante e orgulhoso. Vejamos agora alguns passos nos quais critica incisivamente a ignorância dos Portugueses:

"/.../ enestas palabras ( em que Resende comenta um passo do *Itinerário* de Antonino) muestra bien V.m. como a leido a Antonino con los mismos ojos

---

Também a propósito do frade Valenzuela e da sua confusão de *Munda* com Coimbra, Albornoz, depois de recordar que outros autores caíram no mesmo erro, acaba por reconhecer que não lhe agradam frades ignorantes, mas acrescenta que, se tivesse de escolher entre a ignorância e a frieza da fé, não teria dúvidas na opção. Censura, por isso, quem está sempre atento a uma falha num sermão ("El pulpito es cathedra de Jesu Christo donde ade aprender su doctrina y no Grammatica ni Cosmographia"), e acrescenta: "No digo esto porque me satisfagan los clerigos ó predicadores ignorantes, porque aunque fuesen Tullio y Demosthenes no temian tanta doctrina como aquellos lugares merezen, mas quiero mostrar mi opinion, quando de las dos cosas ha de faltar la una qual me parece que haze menos falta" ( fol. 34r).

- (18) Trata-se de uma farpa crítica que estava na moda, pois de todos era conhecida a contenda entre Ciceronianos e anti-Ciceronianos, isto é, entre os fiéis discípulos dos hábitos linguísticos e retóricos do maior orador romano e os que consideravam impossível traduzir as vivências do século XVI com as roupagens do século I a.C., ciceronianas que fossem. Albornoz não entra nesta questão, mas refere-se ironicamente a uma das facetas do Ciceronianismo: a da preocupação das cláusulas. Assim, depois de criticar o nome de uma família portuguesa, a dos Cogominhos, nome este que, dizia, lhe faz lembrar bruxas e cominhos, aconselha Resende a, com todo o poder de que disfruta, alterar o desagradável nome Cogominhos para outro, e acrescenta: "y pues esta en su manu escoger o fingir el que quisiere, sea algun nombre abultado de veynte y cinco o treynta silabas y vocales abultadas como clausula de ciceroniano que sea menester beuer dos o tres vezes para acabarle de pronunciar" (fol. 19r).
- (19) "Grammaticos, humanistas, Domines", in *Estudios de Humanismo y tradición clásica*, Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1984, p. 58.
- (20) "Soberba y heterodoxia" é o título de um dos capítulos da obra de Luis Gil *Panorama social del Humanismo Español (1500-1600)*, Madrid, Alhambra, s.d. [1981].

que a Plinio y Ptolomeo y que en todos tres tiene yguales letras y deven ser las que en ese reyno se usan porque el Pe. Barreyro en el itinerario que hizo tropezo en lo mismo /.../" (10r-v).

Noutro passo escreve:

"la formacion o derivacion de Libora a Elbora es tan clara que ninguno que tenga juycio y aunque no le tenga aunque fuese un portugues lo puede negar" (fol. 12v).

A imagem que Albornoz tem de Portugal como país não é, naturalmente, melhor.

Ao tratar da questão da primazia das Espanhas, que em sua opinião coube a Toledo e não a Braga, diz de Toledo e da Espanha o seguinte:

Toledo "era de las mas insignes ciudades de Espana que es la mas insigne provincia del mundo" (fol. 45v). Sublinhe-se esta hipervaloração da Espanha, elogiada como a região mais importante do planeta, e observe-se o raciocínio desenvolvido por Albornoz: Toledo, a mais importante cidade do principal reino de Espanha, o reino de Toledo, fica no centro da principal região do mundo, Espanha<sup>(21)</sup>. Que se passa com Braga?

"/.../ por el contrario la ciudad de Braga esta en lo postrero de España y del mundo, y con ser Portugal la mas ruin tierra de España y mas esteril mas despoblada y donde menos contratacion ay de negocios, es la mas ruin tierra de España mas esteril y de menos poblacion y menos contratada de toda la gente del mundo /.../" (50r).

Mas Braga, assim expulsa do comércio das gentes, tem um outro senão: o seu nome. Plínio, ao referir o convento jurídico de Braga, evitara registar os nomes dos povos que o habitam por serem malsonantes. E teve razão, continua Albornoz, porque ainda hoje é impossível dizer o nome de Braga sem sentir nojo (asco é o termo que utiliza), porque, enfim, é coisa de bragas... e pelo nome se tira a coisa, a acreditar no Crátilo de Platão...

---

(21) No fol. 50r Albornoz escreve: "Toledo es la mas principal ciudad del principal Reyno de España que es el de Toledo". Vejamos um outro exemplo desta visão megalómana de Toledo como centro da Espanha e do mundo. Luis Hurtado de Toledo compôs em 1576 um extenso *Memorial de algunas cosas notables ... de Toledo*, em resposta a um questionário nacional, promovido por Filipe II para se elaborarem as *Relaciones topográficas de los pueblos de España* (vd. F. González Ollé, "Un informe de 1576 sobre el habla de Toledo y su aplicación como modelo idiomático", in *Homenaje a Eugenio Asensio*, Madrid, Editorial Gredos, 1988, p. 215). O começo do citado *Memorial* é de si significativo: "El paso de Toledo es para todas las partes del mundo porque en él se hallará de todas las naciones, de todas provincias, de todas artes, de todos oficios, de todos estados e de todas lenguas. Está, como dicho es, en el centro y corazón de España, y, por el mismo caso, del Mundo" (*ibid.*, pp. 215-216).

Paronímia ou falsa etimologia, tudo serve para denegrir a cidade concorrente de Toledo. Tinha assim razão André de Resende quando na carta a Quevedo, falando da megalomania castelhana, escrevia, em tom de desabafo e de queixume:

*Tam nihili apud uos sumus!*

Tão pequeno é o conceito em que nos tendes!

O contraste entre Toledo e Braga continua e desemboca num ataque à mania das grandezas dos Portugueses. A bem dizer, a acusação não era falsa de todo, porque, dizem-no os estudiosos que trataram do assunto, os Portugueses também tiveram a sua megalomania, que deixaram reflectida em vários textos, em especial nas palavras do vilão de Gil Vicente que ousou, perante a corte espanhola, proclamar que "Deus é Português"(22). Albornoz observou esta faceta e, por isso, comenta: na sua ousadia em quererem comparar-se com os maiores, os portugueses comportam-se como Lúcifer, que quis ser semelhante ao Altíssimo. Nesta comparação é fácil entender quem tem a condição de Lúcifer decaído... Mas a comparação continua, e Albornoz passa a acusar os Portugueses de uma mania muito portuguesa (que os próprios Portugueses mais lúcidos denunciavam, acrescente-se): a da imitação. Imitavam os Castelhanos em tudo. E qual era o resultado?

"Todas las cosas dese reyno de enderezan a ser monas de las de Castilla, aca tenemos condestable alla luego le hicieron, en Castilla no ay mas de quatro sillars Arzobispales ya alla an hecho tres que son Braga Lisboa y Eborá y dōde una sola no tenia bastante seniorio an hecho aora tres, ya tienem alla mas duques que aca tenemos condes. Mas sabe que diferencia va? la que de la sierpe que hizo Aaron de su vara alas de los magos de Faraon, que la sierpe de Aron era grande y verdadera y si comio a las otras que eran lombrizes fantasticas." (51r).

Eis aqui, nas roupagens de um símile extraído da Bíblia, a ameaça velada e sempre temida: a de que a serpente castelhana venha a devorar os Portugueses, frágeis

---

(22) Um outro sinal da nossa megalomania pode ver-se, por exemplo, na seguinte afirmação de Fernando Oliveira, no capítulo 2 da sua *Gramática*: "A antiga nobreza e saber da nossa gente e terra de Espanha, cuja sempre melhor parte foi Portugal" (cit. de Martim de Albuquerque, *A consciência nacional portuguesa (Ensaio de História das Ideias políticas)*, I, Lisboa, s. ed., 1974, p. 223, n. 1). Também uma anedota atribuída a Resende tem o seu quê de megalómano: "Dizendo um Castelhana a Mestre Andre de Rezende que os Portugueses não eram mais de seis, dos quais /dous/ andavam em demandas, e dous estavam presos nas cadeas, e dous queriam conquistar o mundo, dicelhe Mestre Andre; Pois que fizeram se todos seis quiseram conquistar o mundo." ( cit. de A. Costa Ramalho, "Ditos e sentenças de quinhentistas portugueses", *Humanitas*, 29-30 (1977-78), p. 7). Sobre esta questão do orgulho português, vd. Luís de Matos, "L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance", in *L'Humanisme Portugais et l'Europe*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 397-417.

e irrealis. Estamos no domínio do retórico, onde todos os símiles e ousadias são possíveis, mas Albornoz parecia tomar à letra as suas palavras, ao acrescentar, em jeito de conforto:

"entienda Seõr maestro que no es menor grandeza saber serbir al mayor que mandar alos menores, la ygualdade entre los desyguales es imperfeccion natural y la mayoria introdujo la naturaleza y obedeciendo merecio S. Miguel por sugesion lo que Lucifer perdio por soberbia" (51v).

Por outras palavras: o direito natural e o direito divino legitimam o domínio de uns e a sujeição de outros. Também aqui Albornoz vinha dar razão a Resende quando este se queixava do desdém com que os Castelhanos olhavam Portugal e via nele sinais de cobiça. A ameaça aí estava, uma vez mais sob a candura de roupagens bíblicas.

Para completar o retrato negativo dos Portugueses faltava ainda brandir o espantinho do judaísmo, e Albornoz não deixa de o fazer. A acusação, de resto, não era inédita, já que, como diz Nuno Espinosa da Silva, "na mentalidade europeia todo o português era hebreu"<sup>(23)</sup>.

Na opinião de Albornoz, Portugal estava infestado de judeus, e só a vinda providencial de dois espanhóis, o Saavedra, cordovês e Núncio Apostólico em Portugal, e o famoso Paredes, tinha posto cobro à situação. Graças à sua enérgica actuação, o país ficou quase limpo. Como? Saavedra "les metio la Inquisicion en esse reyno que ha quemado la mitad del" (fol. 53v). O licenciado Paredes, cónego e inquisidor de Évora, "a essa inquisicion fue llevado de Llerena donde estava en Castella para házer carbon en Portugal"<sup>(24)</sup>.

Mesmo assim, a peçonha não desapareceu de todo, e alguns fugiam, a contaminar outras terras com as suas práticas judaicas, como Amato Lusitano, os Brudos

---

(23) *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1964, p. 291.

(24) Nas pesquisas efectuadas não foi possível encontrar qualquer referência a este Saavedra referido por Albornoz. Quanto a Paredes, trata-se do famoso licenciado Pedro Álvares de Paredes, de má memória pela sua actuação na Inquisição de Évora. Os ecos da sua crueldade na perseguição aos judeus chegaram a Ragusa e Diogo Pires refere-se-lhe num dos seus poemas, o "De exilio suo" (vd. Carlos Ascenso André, *Diogo Pires: Antologia Poética*, Coimbra, 1983, p. 125, n. 42). Alexandre Herculano descreve o zelo inquisitorial deste homem que inventava mil e uma formas de arrancar ao condenado a confissão do crime de judaísmo para o condenar (vd. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Lisboa, 1976, III, pp. 143-145). Algumas mais informações sobre este Paredes podem ver-se em António Borges Coelho, *Inquisição de Évora (Dos primórdios a 1668)*, vol.I, Lisboa, Caminho S.A., 1987, p. 56.

(discípulos de Resende...) e outros<sup>(25)</sup>. Ruim terra que tais frutos dá, comenta Albornoz. Não há santo que lhe valha. Claro que nada disto se aplica a Resende, "a quem Deus fez muito cristão velho e fidalgo e de sangue limpo"<sup>(26)</sup>. Mas seria bom que, em vez de dizer mal dos outros povos (leia-se: Castela), olhasse para o que se passa na sua própria terra que, verdadeiro ninho de judeus, bem merece as pestes que a assolam, sinal da ira de Deus e de outras desgraças por vir (54v).

Na sua candura, Resende poderia sentir-se tentado a perguntar a Albornoz de onde tinham vindo os judeus a Portugal, mas Albornoz antecipa-se: é verdade que muitos deles descendem de castelhanos que foram desterrados de Castela, mas também é verdade que lá não lhes foi permitido fazer às claras o que aqui fazem encapotadamente. De resto, enquanto foram castelhanos, eram moralmente bons, ao passo que agora, feitos cristãos e não querendo continuar a sê-lo, serão ruins (vd. 54v).

A carta termina exactamente assim, com a indicação de "esta imperfecta", num dos manuscritos.

#### 4. CONCLUSÃO

O interesse desta carta de Albornoz reside, antes de mais, no facto de se tratar da única resposta que a carta a Quevedo, de Resende, obteve do lado espanhol, com a particularidade de, tanto quanto se sabe, nunca ninguém lhe ter feito referência, quer aqui quer em Espanha. Perante os dados de que dispomos, não é possível explicar cabalmente um tal silêncio. Mas é possível que, tendo ficado inédita, os espanhóis, a quem mais interessaria divulgá-la, só a tenham conhecido demasiado tarde, quando as

---

(25) Eis as palavras de Albornoz: "Mas que diremos de Amato Lusitano que se llama Rodrigo de Castelbranco y de los dos Bruduos discipulos de V.Md. y hijos de maestro Donys (sic) Physico mayor del Rey don juan, que no contentos con auerse ydo a ser judios a Salonique escriven desde alla obras para que sepamos como son judios, esto mismo hizo mas Phelippe el Zurujano que hallo la cura de las carnosidades de la orina del qual escriue Laguna que se fue a morir a Jerusalem" (ff. 54r-v). Sobre a extraordinária figura de médico português e europeu, do séc. XVI, que foi Amato Lusitano, bem como sobre os outros médicos neste passo referidos por Albornoz, vd. *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Imprensa de Coimbra, 1955. Sobre Manuel Brudo e Dionísio, seu pai, físico de D. João III e professor de Medicina, vd. também Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, III, pp. 199-200. A fama alcançada nas terras de acolhimento por estes médicos de nação justifica que Albornoz, falando de judeus saídos de Portugal, cite apenas médicos... Mas talvez isso se deva ao facto de ter colhido informações sobre eles na obra de André Laguna, distinto médico espanhol que em tempos foi condiscípulo de Amato Lusitano em Salamanca.

(26) "a quien Dios hizo mui christiano viejo y hidalgo y limpio" (53v).

circunstâncias políticas lhe retiraram todo o impacto, isto é, depois da perda da nossa independência. Cessados os medos, as rivalidades e os ressentimentos, a carta perdeu razão de ser. De facto, se alguns dos argumentos aduzidos por Albornoz para cimentar as suas posições têm consistência probatória, a maioria situa-se num nível subjectivo, reflectindo mais a hipótese desejada do que a realidade. Além disso, embora critique Resende por apresentar os argumentos e as conclusões que lhe interessam, Albornoz cai no mesmo defeito. Com uma agravante: um *leit-motiv* percorre toda a carta e representa o real objectivo dela: dessacralizar Resende (que muitos espanhóis admiraram) e denegrir Portugal, numa toada persistentemente sarcástica e vexatória. Deste modo, a carta transforma-se num violento pasquim, e já nada tem a ver com a serena ironia, ou os brandos costumes, de Resende. Talvez por isso tenha perdido credibilidade.

Seja como for, tanto a carta de Resende como a resposta virulenta de Albornoz vêm confirmar o acerto das palavras de Ferguson, que Martim de Albuquerque evoca deste modo: "Os humanistas, conforme a sugestiva e incisiva fórmula de Ferguson, olhavam a história através das lentes astigmáticas da sua consciência nacional"<sup>(27)</sup>.

Era talvez por isso que, influenciado pelas suas lentes deformadoras, Albornoz não compreendia como é que, contra ventos e marés, Portugal conseguia, mesmo assim, fazer-se notar no mundo de então. Como confessa, mesmo sem querer: "Offresco al demonio tan malos y perversos ingenios [refere-se aos judeus que saíram de Portugal] y tierra que tal fructo lleva, no se como puede alzar la cabeza para ser vista entre otras naciones." (fol. 54v).

Assim se viam castelhanos e portugueses nos recuados e difíceis tempos de 1571...

---

(27) Vd. Martim de Albuquerque, *op. cit.* (vd. n. 22), pp. 273-274.